

Global Risks Report

18^a Edição

INSIGHTS REPORT

JANEIRO 2023

Em parceria com
Marsh McLennan e Zurich Insurance Group

Sumário Executivo

Os primeiros anos desta década anunciaram um período particularmente disruptivo na história da humanidade. O regresso a um “novo normal” após a pandemia de COVID-19 foi rapidamente perturbado pelo início da guerra na Ucrânia, dando início a um novo conjunto de crises na alimentação e energia – desencadeando problemas que décadas de progresso tinham procurado resolver.

Com o início de 2023, o mundo está a enfrentar um conjunto de riscos que parecem ser completamente novos e estranhamente familiares. Assistimos ao regresso de riscos “mais antigos” – inflação, crises do custo de vida, guerras comerciais, saídas de capital dos mercados emergentes, agitação social generalizada, confrontos geopolíticos e o espectro da guerra nuclear – que poucos líderes empresariais e decisores políticos desta geração experienciaram. Estes estão a ser amplificados por desenvolvimentos relativamente novos no panorama global de riscos, incluindo níveis insustentáveis de endividamento, uma nova era de baixo crescimento, baixo investimento global e “desglobalização”, um declínio no desenvolvimento humano após décadas de progresso, desenvolvimento rápido e sem restrições de tecnologias de duplo uso (civil e militar) e a crescente pressão dos impactos e ambições das alterações climáticas num mundo em constante retração para a transição para um mundo com um aumento de 1,5°C de temperatura. Juntos, estes fatores estão a convergir para moldar uma década única, incerta e turbulenta que se avizinha.

O *Global Risks Report 2023* apresenta os resultados do último *Global Risks Perception Survey* (GRPS). Utilizamos três períodos de tempo para compreender os riscos globais. O Capítulo 1 considera o impacto crescente das crises atuais (ou seja, riscos globais que já se estão a desenrolar) sobre os riscos globais mais graves que muitos esperam que se concretizem a curto prazo (dois anos). O Capítulo 2 considera um conjunto de riscos que poderão ser mais severos a longo prazo (10 anos), explorando os riscos económicos, ambientais, sociais, geopolíticos e tecnológicos emergentes ou em rápida aceleração, que poderão tornar-se as crises de amanhã. O Capítulo 3 perspetiva cenários futuros a médio prazo, explorando como as ligações entre os riscos emergentes delineados nas seções anteriores podem evoluir coletivamente para uma “poli-crise” centrada em torno da escassez de recursos naturais até 2030. O relatório termina considerando um comparativo das perceções do nível de preparação para estes riscos e destaca os fatores impulsionadores que permitem traçar um rumo para um mundo mais resiliente. Abaixo encontram-se as principais conclusões do relatório.

Custo de vida domina os riscos globais nos próximos dois anos enquanto o fracasso da ação climática domina a próxima década

A próxima década será caracterizada por crises ambientais e sociais, impulsionadas pelas tendências geopolíticas e económicas subjacentes. A **“Crise do custo de vida”** é classificada como o risco global mais severo nos próximos dois anos, atingindo um pico a curto prazo. A **“Perda de biodiversidade e colapso dos ecossistemas”** é vista como um dos riscos globais que mais rapidamente se deteriorarão ao longo da próxima década, e todos os seis riscos ambientais figuram nos 10 principais riscos ao longo dos próximos 10 anos. Nove riscos estão nas 10 primeiras posições tanto a curto como a longo prazo, incluindo **“Confronto geoeconómico”** e **“Erosão da coesão social e polarização da sociedade”**, juntamente com dois novos riscos nas primeiras posições: **“Cibercrime generalizado e insegurança cibernética”** e **“Migração involuntária em larga escala”**.

Imagem A. Riscos globais classificados por severidade a curto e longo prazo

“Por favor estime o impacto provável (severidade) dos seguintes riscos durante um período de 2 anos e 10 anos”



Source: World Economic Forum, Global Risks Perception Survey 2022-2023

Riscos a 2 anos

1. Crise do custo de vida
2. Catástrofes naturais e eventos climáticos extremos
3. Confronto geoeconómico
4. Falha na mitigação das alterações climáticas
5. Erosão da coesão social e polarização da sociedade
6. Incidentes com danos ambientais em larga escala
7. Fracasso na adaptação às alterações climáticas
8. Cibercrime generalizado e insegurança cibernética
9. Crises de recursos naturais
10. Migração involuntária em larga escala

Riscos a 10 anos

1. Falha na mitigação das alterações climáticas
2. Fracasso na adaptação às alterações climáticas
3. Catástrofes naturais e eventos climáticos extremos
4. Perda de biodiversidade e colapso dos ecossistemas
5. Migração involuntária em larga escala
6. Crises de recursos naturais
7. Erosão da coesão social e polarização da sociedade
8. Cibercrime generalizado e insegurança cibernética
9. Confronto geoeconómico

10. Incidentes com danos ambientais em larga escala

Categorias de risco:

Azul – Risco Económico

Verde – Risco Ambiental

Laranja – Risco Geopolítico

Vermelho – Risco Social

Roxo – Risco Tecnológico

Fonte:

Fórum Económico Mundial Global Risks Perception Survey 2022-2023

À medida que uma era económica termina, a próxima terá mais riscos de estagnação, divergência e angústia

As consequências económicas da COVID-19 e a guerra na Ucrânia desencadearam uma inflação vertiginosa, uma rápida normalização das políticas monetárias e o início de uma era de baixo crescimento e baixo investimento.

Governos e bancos centrais poderão enfrentar pressões inflacionistas persistentes durante os próximos dois anos, sobretudo dado o potencial para uma guerra prolongada na Ucrânia, a constância de estrangulamentos devido a uma pandemia persistente e a guerra económica a estimular a dissociação das cadeias de fornecimento.

Os riscos de deterioração das perspetivas económicas também são grandes. Um erro de calibração entre as políticas monetárias e fiscais aumentará a probabilidade de choques de liquidez, sinalizando uma desaceleração económica mais prolongada e um problema de endividamento à escala global. Uma inflação contínua induzida pela oferta poderá conduzir a uma estagflação, cujas consequências socioeconómicas poderão ser graves, dada a interação sem precedentes com níveis historicamente elevados da dívida pública. A fragmentação económica global, as tensões geopolíticas e uma reestruturação mais exigente poderão contribuir para o desespero da dívida generalizada nos próximos 10 anos.

Mesmo que algumas economias experienciem uma travagem económica mais suave do que o esperado, o fim da era das taxas de juro baixas terá ramificações significativas para os governos, empresas e pessoas. Os efeitos de arrastamento serão sentidos com maior intensidade pelas partes mais vulneráveis da sociedade e pelos Estados mais frágeis, contribuindo para o aumento da pobreza, fome, protestos violentos, instabilidade política e mesmo colapso dos Estados. As pressões económicas também irão corroer os ganhos obtidos pelas famílias de rendimento médio, estimulando o descontentamento, a polarização política e os apelos a uma maior proteção social em países de todo o mundo. Os governos continuarão a enfrentar um perigoso exercício de equilíbrio entre a proteção de uma ampla faixa dos seus cidadãos de uma crise prolongada do custo de vida sem que a inflação seja incorporada e o pagamento dos custos do serviço de dívida, uma vez que as receitas sofrem a pressão de uma recessão económica, uma transição cada vez mais urgente para novos sistemas energéticos e um ambiente geopolítico menos estável. A nova era económica resultante pode ser um período de divergência crescente entre países ricos e pobres e o primeiro retrocesso no desenvolvimento humano em décadas.

Fragmentação geopolítica conduzirá a uma guerra geoeconómica e aumentará o risco de conflitos multi-domínios

A guerra económica está a tornar-se a norma, com confrontos crescentes entre potências globais e intervenção estatal nos mercados durante os próximos dois anos. As políticas económicas serão utilizadas defensivamente, para construir a autossuficiência e soberania de potências rivais, mas também serão cada vez mais utilizadas ofensivamente para restringir a ascensão de outras. O armamento geoeconómico

intensivo evidenciará as vulnerabilidades de segurança colocadas pelo comércio, interdependência financeira e tecnológica entre economias globalmente integradas, arriscando-se a um ciclo crescente de desconfiança e dissociação. À medida que a geopolítica supera a economia, um aumento a longo prazo da produção ineficiente e o aumento dos preços tornam-se mais prováveis. Os pontos críticos geográficos que são cruciais para o funcionamento eficaz do sistema financeiro e económico mundial, em particular na Ásia-Pacífico, constituem também uma preocupação crescente.

Os confrontos entre Estados são previstos pelos inquiridos do GRPS para permanecerem em grande parte de natureza económica durante os próximos 10 anos. Contudo, o recente aumento das despesas militares e a proliferação de novas tecnologias para um leque mais vasto de atores poderia conduzir a uma corrida global ao armamento em tecnologias emergentes. O panorama global de riscos a longo prazo poderia ser definido por conflitos multi-domínios e guerras assimétricas, com o destacamento de armamento de novas tecnologias numa escala potencialmente mais destrutiva do que a verificada nas últimas décadas. Os mecanismos transnacionais de controlo de armas devem adaptar-se rapidamente a este novo contexto de segurança, para reforçar os partilhados custos morais, reputacionais e políticos que atuam como dissuasores de uma escala acidental e intencional.

Tecnologia irá exacerbar as desigualdades enquanto os riscos de cibersegurança continuarão a ser uma preocupação constante

O setor tecnológico continua a ser o alvo central de políticas industriais mais fortes e de uma maior intervenção estatal. Estimulado pela ajuda estatal e pelas despesas militares, bem como pelo investimento privado, a investigação e o desenvolvimento de tecnologias emergentes continuarão ao longo da próxima década, produzindo avanços muito necessários em Inteligência Artificial (IA), computação quântica e biotecnologia, entre outras tecnologias. Para os países que podem investir nestas áreas, as tecnologias fornecerão soluções parciais para uma série de crises emergentes, desde a abordagem de novas ameaças para a saúde e crises na capacidade dos cuidados de saúde, até à escalada da segurança alimentar e mitigação do clima. Para aqueles que não podem, a desigualdade e a divergência aumentarão. Em todas as economias, estas tecnologias também trazem riscos, desde o alargamento da desinformação e má-informação até à agitação incontrolável tanto em colaboradores qualificados como em operários.

No entanto, o rápido desenvolvimento e implementação de novas tecnologias, que muitas vezes vêm com protocolos limitados que regem a sua utilização, apresenta o seu próprio conjunto de riscos. A interligação cada vez maior das tecnologias com o funcionamento crítico da sociedade está a expor as populações a ameaças internas diretas, incluindo as que procuram quebrar o funcionamento da sociedade. A par de o aumento do cibercrime, as tentativas de afetar recursos e serviços críticos suportados em tecnologias tornar-se-ão mais comuns, com ataques previstos contra a agricultura e a água, sistemas financeiros, segurança pública, transportes, energia e infraestruturas de comunicação domésticas, espaciais e submarinas. Os riscos tecnológicos não se limitam apenas a agentes perigosos. A análise sofisticada de um conjunto maior de dados permitirá o uso indevido de informações pessoais através de mecanismos legais legítimos, enfraquecendo a soberania digital individual e o direito à privacidade, mesmo em regimes democráticos bem regulados.

Esforços de mitigação e adaptação ao clima são estabelecidos para um compromisso arriscado, enquanto a natureza entra em colapso

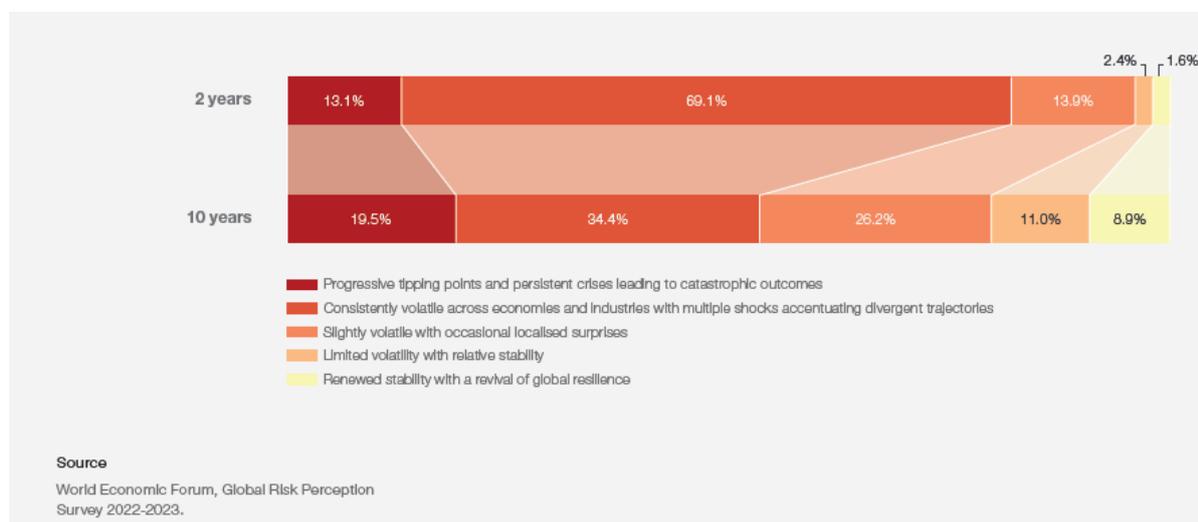
Os riscos climáticos e ambientais são o foco central da perceção dos riscos globais durante a próxima década – e são os riscos para os quais vemos que estamos menos preparados. A falta de progressos profundos e concertados nas metas de ação climática expôs a divergência entre o que é cientificamente necessário para alcançar emissões líquidas zero e o que é politicamente viável. As crescentes exigências de recursos dos setores público e privado por parte de outras crises reduzirão a velocidade e escala dos

esforços de mitigação nos próximos dois anos, a par de progressos insuficientes no sentido do apoio à adaptação necessária para as comunidades e países cada vez mais afetados pelos impactos das alterações climáticas.

Dado que as crises atuais desviam os recursos dos riscos que surgem a médio e longo prazo, as pressões sobre os ecossistemas naturais crescerão devido ao seu papel ainda subvalorizado na economia global e na saúde planetária em geral. A perda da natureza e as alterações climáticas estão intrinsecamente interligadas – uma falha numa esfera cairá em cascata na outra. Sem mudanças políticas ou investimentos significativos, a interação entre impactos das alterações climáticas, perda de biodiversidade, segurança alimentar e consumo de recursos naturais acelerará o colapso dos ecossistemas, ameaçará o abastecimento alimentar e os meios de subsistência nas economias vulneráveis ao clima, amplificará os impactos das catástrofes naturais e limitará novos progressos na mitigação do clima.

Imagem B: Perspetiva global a curto e longo prazo

“Qual das seguintes características melhor caracteriza a sua visão do mundo a curto prazo (2 anos) e a longo prazo (10 anos)?”



Fonte:

Fórum Económico Mundial Global Risks Perception Survey 2022-2023

Crises alimentares, de combustíveis e de custos exacerbam a vulnerabilidade da sociedade, enquanto os investimentos limitados desenvolvimento humano corroem a resiliência futura

As crises sistémicas estão a alargar o seu impacto através das sociedades, atingindo os meios de subsistência de uma parte muito mais vasta da população e desestabilizando mais economias no mundo do que as comunidades tradicionalmente vulneráveis e os Estados frágeis. Com base nos riscos mais severos que se espera que venham a ter impacto em 2023 – incluindo **“Crise de abastecimento energético”**, **“Inflação crescente”** e **“Crise de abastecimento alimentar”** – já se está a sentir uma **crise do custo de vida** global. Os impactos económicos têm sido amortecidos por países que têm capacidade para arcar com os mesmos, mas muitos países de rendimento mais baixo enfrentam múltiplas crise: dívida, alterações climáticas e segurança alimentar. As contínuas pressões do lado da oferta correm o risco de transformar a atual crise do custo de vida numa crise humanitária mais vasta nos próximos dois anos, em muitos mercados dependentes da importação.

A agitação social associada e a instabilidade política não serão contidas nos mercados emergentes, uma vez que as pressões económicas continuam a esvaziar a classe média. A crescente frustração dos cidadãos perante as perdas no desenvolvimento humano e o declínio da mobilidade social, juntamente com um fosso cada vez maior em termos de valores e igualdade, estão a colocar um desafio existencial aos sistemas políticos em todo o mundo. A eleição de líderes menos centristas, bem como a polarização política entre superpotências económicas ao longo dos próximos dois anos podem também reduzir ainda mais o espaço para a resolução coletiva de problemas, quebrando alianças e conduzindo a uma dinâmica mais volátil.

Com uma crise no financiamento do setor público paralela e preocupações de segurança concorrentes, a nossa capacidade de absorver o próximo choque global está a diminuir. Durante os próximos 10 anos, menos países terão margem fiscal para investir no crescimento futuro, em tecnologias verdes, educação e cuidados e sistemas de saúde. A lenta degradação das infraestruturas e serviços públicos, tanto em mercados em desenvolvimento como avançados pode ser relativamente subtil, mas a acumulação de impactos será altamente corrosiva para a força do capital humano e do desenvolvimento – uma atenuante crítica para outros riscos globais enfrentados.

À medida que a volatilidade em múltiplos domínios cresce em paralelo, o risco de “poli-crise” acelera

Choques simultâneos, riscos profundamente interligados e resiliência em erosão estão a dar origem ao risco de poli-crisis – onde crises diferentes interagem de tal forma que o impacto global excede, em muito, a soma de cada parte. A cooperação geopolítica errante terá efeitos de ondulação em todo o panorama global de riscos a médio prazo, incluindo a contribuição para uma potencial poli-crise de riscos ambientais, geopolíticos e socioeconómicos interrelacionados com a oferta e a procura de recursos naturais. O relatório descreve quatro potenciais cenários futuros centrados em torno de alimentos, água e carência de metais e minerais, todos eles suscetíveis de desencadear uma crise tanto humanitária como ecológica – desde guerras por água e fome à contínua sobre-exploração de recursos ecológicos e um abrandamento na mitigação e adaptação climática. Dadas as relações incertas entre riscos globais, exercícios de previsão semelhantes poderiam ajudar a antecipar potenciais ligações, orientando as medidas de preparação para minimizar a escala e o alcance das poli-crisis antes que surjam.

Nos próximos anos, à medida que as crises contínuas simultâneas vão incorporar mudanças estruturais no panorama económico e geopolítico, vão também acelerar os outros riscos que enfrentamos. Mais de quatro em cada cinco inquiridos no GRPS antecipam uma volatilidade consistente ao longo dos próximos dois anos no mínimo, com choques múltiplos acentuando trajetórias divergentes. No entanto, os inquiridos são geralmente mais otimistas a longo prazo. Pouco mais de metade dos inquiridos antecipam uma perspetiva negativa e quase um em cada cinco prevê uma volatilidade limitada com relativa – e potencialmente renovada – estabilidade nos próximos 10 anos.

De facto, ainda há uma janela para moldar um futuro mais seguro através de uma preparação mais eficaz. A abordagem da erosão da confiança nos processos multilaterais reforçará a nossa capacidade coletiva de prevenir e responder a crises transfronteiriças emergentes e reforçar as proteções que temos em funcionamento para enfrentar riscos bem estabelecidos. Além disso, alavancar a interconetividade entre os riscos globais pode alargar o impacto das atividades de mitigação de riscos – reforçar a resiliência numa área pode ter um efeito multiplicador na preparação global para outros riscos relacionados. Uma vez que uma deterioração das perspetivas económicas traz compromissos mais duros para os governos que enfrentam, em paralelo, preocupações sociais, ambientais e de segurança, o investimento na resiliência deve concentrar-se em soluções que abordem múltiplos riscos, tais como o financiamento de medidas de adaptação que tenham vantagens de mitigação do clima ou investimento em áreas que reforcem o capital humano e o desenvolvimento.

Alguns dos riscos descritos no relatório deste ano estão próximos de um ponto de viragem. Este é o momento de agir coletivamente, de forma decisiva e com um foco de longo prazo para moldar um caminho para um mundo mais positivo, inclusivo e estável.

Imagem C: Panorama global de riscos: um mapa de interconexões

